

MARLIES RITTER

pensar
com as
mãos



O Programa Educativo da Fundação Vera Chaves Barcellos apresenta o material educativo elaborado no âmbito da mostra *Pensar com as mãos*, de Marlies Ritter, com curadoria de Fernanda Albuquerque. O material traz uma seleção de obras, técnicas e conceitos presentes em cinco décadas de produção da artista, oferecendo à comunidade escolar e aos demais educadores ferramentas de aproximação e acionamento de abordagens possíveis com os alunos. A proposta para este semestre, para além do material, contempla também a oferta de encontros de formação para educadores, visitas mediadas, oficinas abordando as técnicas e os fazeres da artista, conversas e interações com a comunidade.

O título da mostra demarca uma característica que permeia toda a produção de Marlies: “tudo o que faço é com as mãos, eu seguro nas mãos.”¹ Esse fazer envolve o contato direto com a matéria, desde o ato de reunir as pequenas “coisices” cotidianas que contarão suas histórias – sejam escritas, costuradas, bordadas ou moldadas – até a força necessária para peneirar e limpar a argila utilizada. A argila dará forma a uma vasta oferta de frutas, legumes, grãos; alimentos que, da finalidade inicial de manter nossos corpos, passam a nutrir nossos olhos e almas. E são muitos, e repetidas vezes – são dias produzindo laranjinhas, anos fazendo latas de sardinha, peixes até o forno quebrar, batatas até a argila findar.

Nas palavras de Vera Chaves Barcellos, “a obra de Marlies Ritter desafia e resolve soberanamente o conflito entre repetição e criação, pois consegue exorcizar, pelo fazer repetido, o esvaziamento de conteúdo do gesto, estigma do fazer das tarefas femininas, e paradoxalmente, não reduz o repetir a ponto de estagnação, mas o torna linha contínua de conquista disciplinada. Não é mais a mulher que é devorada pela repetição do cotidiano, mas é a artista mulher que o devora tornando-o seu próprio alimento e corpo, numa perfeita comunhão entre seu ser e obra.”²

Com Marlies, aprendemos a garimpar as batatas certas no mercado, a valorizar um sorriso, uma carta, um banco, um retalho, a não perder oportunidades de compartilhar presentes, memórias, afeto e uma boa história, a sermos gratos pela bênção de uma caminhada, a valorizar a vida nos detalhes que mais facilmente passariam despercebidos. Como nos lembra a curadora Fernanda Albuquerque, “cerâmica, tecidos, papéis e palavras entrelaçam-se em trabalhos que querem salvar o que o tempo ameaça apagar: os gestos cotidianos, as marcas da presença, o rastro das coisas, as lembranças de uma vida. As peças não surgem da urgência, mas de uma convivência e um diálogo prolongados com os materiais.”³

Tudo tem seu tempo, e este merece ser respeitado. Fica o convite para acompanharmos juntos este universo de afetos e percepções de um mundo muito particular e, ao mesmo tempo, universal, que é de todos nós. Que aprendamos a percebê-lo melhor com esta grande mestra das coisas lindas de cada dia e a manter nossos lápis apontados e prontos para a escrita, na arte e na vida.

¹ RITTER, Marlies. *Sem título*, 2009. Livro de artista. Coleção Artistas Contemporâneos FVCB.

² BARCELLOS, Vera Chaves. *O cotidiano antropofágico*, 1992. Centro de Documentação e Pesquisa da Fundação Vera Chaves Barcellos.

³ ALBUQUERQUE, Fernanda. *Marlies Ritter – Pensar com as mãos*. Catálogo. Porto Alegre: Fundação Vera Chaves Barcellos, 2025.





MARLIES RITTER

Nascida em Porto Alegre, em 1941. De 1958 a 1963, morou no Rio de Janeiro, onde estudou idiomas. Voltou a Porto Alegre e constituiu família. Começou com a cerâmica em 1972 com Astrid Linsenmayer e Myriam Benz. Entre 1979 e 1980, teve aulas de desenho com Fernando Baril e esmaltação com Mariannita Linck. Em 1984, foi aluna de Megumi Yuasa e, de 1985 a 1988, estudou modelagem com Vasco Prado e Xico Stockinger. Trabalhou no Atelier Vila Nova, de Xico Stockinger, até 1991. Em 1992, fez curso de Antropologia Plástica com Fritz Marburg na Clínica Tobias, em São Paulo. Participou de *workshops* ministrados por Karin Lambrecht e Mauro Fuke. Fez *patchwork* e *quilt* com Gisela Waetge.

Marlies Ritter – Pensar com as mãos | 19 de julho a 13 de dezembro de 2025 | Sala dos Pomares

exposição

curadoria
Fernanda Albuquerque

design expográfico
Fernanda Albuquerque
Arthur Bonfim

montagem
Nelson Rosa
Luiz Pedro Moreira

identidade visual
Sandro Ka

realização
Equipe FVCB

apoio
Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da UFRGS
Museu de Arte do Rio Grande do Sul
Ocre Galeria

material educativo

textos
Margarita Kremer
Ethiene Nachtigall
Yuri Flores Machado
Aline Zimmer

revisão
Rosane Vargas

fotos
Leopoldo Plentz
Vitor Lanes
Acervo FVCB

diagramação
Sandro Ka

produção
Katiana Ribeiro

impressão
Ideograf

Fundação Vera Chaves Barcellos

diretora-presidente
Vera Chaves Barcellos

diretora cultural
Bruna Fetter

diretor administrativo
Carlos Renato Hees

coordenação de projetos e produção
Katiana Ribeiro

acervo artístico
Bruna Martin
Arthur Bonfim
Vitor Lanes

centro de documentação e pesquisa
Yuri Flores Machado
Aline Zimmer

programa educativo
Margarita Kremer
Ethiene Nachtigall

comunicação
Katiana Ribeiro
Isabelle Rieger

conselho deliberativo
Ana Maria Albani de Carvalho
Clóvis Dariano
Eduardo Veras
Elaine Tedesco
Flávio Kiefer
Leopoldo Plentz
Maria Fernanda de Lima Santin
Patricio Farías (presidente)
Paulo Silveira

conselho fiscal
Fáride Costa Pereira
Pedro Chaves
Barcellos Filho
Richard John

realização



apoio



M | A | R G S

ocregaleria



**agende
sua visita**

Fundação Vera Chaves Barcellos
Sala dos Pomares
Rodovia Tapir Rocha, 8480 (parada 54)
Viamão/RS

(51) 98229.3031

educativo@fvcb.com.br

fvcb.com.br

fvcb_

fvcbarcellos

fvcbrs



Registros, 1998/2025
8 Impressões de tábua de cortar pão sobre papel
Impressor: Wilson Cavalcanti
40,5 x 40,5 cm cada
Coleção da Artista

palavras-chave:
rastros
afetos
gestos cotidianos
preciosidades

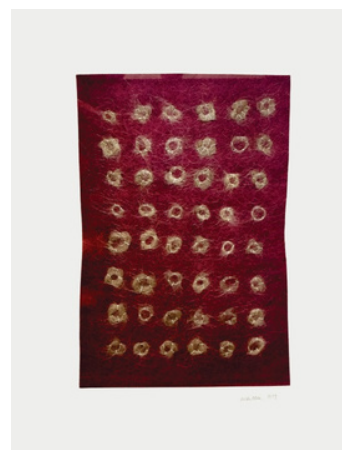
afeto como matéria

Em *Registros*, Marlies Ritter nos apresenta **rastros** de seus muitos cafés da manhã na companhia de seu marido. São impressões feitas a partir do uso de tábuas de cortar pão como matrizes de xilogravura: em cada linha, a marca de uma presença, um corte, uma fatia de dia, de alimentos, de conversas e **afetos** compartilhados. Em suas obras, Marlies registra a vida acontecendo, as rotinas e os **gestos cotidianos**, pequenas **preciosidades** na forma de objetos humildes, até mesmo restos que ela "salva" de ir para o lixo, como os fiapos que se despegam das roupas lavadas à máquina ou seus fios de cabelo perdidos, cuidadosamente guardados e bordados com uma linha de linho especial sobre um corte de feltro francês (*Perdas*). Tudo devidamente preservado enquanto registro de algo presenciado (como nas fotografias de variações de luz do amanhecer na beira do Guaíba), marcos de um tempo (como a cor dos fiapos que muda com a saída dos filhos – e de suas roupas – de casa), ou lembranças-experiência (caso das latinhas de sardinha moldadas como um presente para cada ano de vida de seu pai), em repetidos gestos de amor, generosidade e respeito pelas relações humanas e pelas coisas vividas.

Proposta de atividade

Como numa brincadeira de esconde-esconde às avessas, a proposta desta atividade é procurar coisas especiais não percebidas na casa onde vivemos, lançar um olhar curioso sobre as nossas próprias rotinas e lugares de convívio. Algumas perguntas podem auxiliar na busca, como, por exemplo: quais gestos você repete diariamente? O que é fixo na sua casa, e o que muda? Qual seu canto, móvel, janela preferidos? Quais cheiros, sabores, cores ou sons fazem você se lembrar desse lugar? Onde você se esconde quando está chateado? Os alunos poderão materializar algumas respostas com a utilização da técnica da frotagem, capturando diferentes texturas de objetos, alimentos e lugares de sua casa, para, posteriormente, compartilhar com a turma (e com sua própria família).

obra relacionada



Perdas, 2019
Cabelo bordado em feltro, 68 x 53 cm
Coleção Artistas Contemporâneos FVCB



Filme indicado para o professor:
O sabor da vida, de Tran Anh Hung, 2023.

Livro indicado para o professor:
COCCIA, Emanuele. *A Filosofia da Casa*. Rio de Janeiro: Dantes, 2024.

Música:
A nossa casa, de Arnaldo Antunes. Disponível no YouTube.

Livro indicado para o estudante:
MARTINS, Isabel Minhós; MATOSO, Madalena. *Uma mesa é uma mesa. Será?* São Paulo: Tordesilhinhas, 2011.

PARA PENSAR

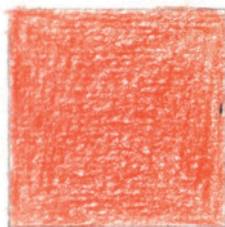
Acordar cedo, abrir a porta para o gato, conferir se há recados dos netos no celular, sentir o cheiro do café preparado com toda a calma, da torrada, sem esquecer o sal no ovo ou a lima para o suco e, claro, as geleias. O calor de uma malha colorida como esconderijo e o frio de um chão bom para chorar. Em seus livros, especialmente em *Refletindo sentada* (1989), o milagre da vida é apresentado por Marlies com alegrias e tristezas (tudo faz parte), mas as tristezas, essas deixaremos em potes de mel. Em tempos como estes em que vivemos, nos quais toda sorte de desumanidades, guerras e disputas geopolíticas tomam boa parte dos noticiários, Marlies nos lembra de que a dor segue ali, assim como seguem também a alegria e o privilégio de podermos simplesmente caminhar. É olhar para tudo, viver, dormir e acordar, ressuscitando para uma nova tentativa a cada dia.

MARLIES
RITTER pensar com as mãos

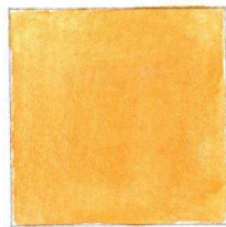




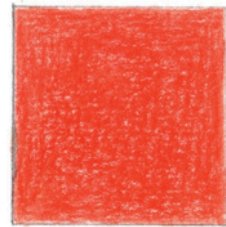
14/11/10



15/11/10



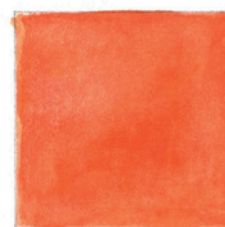
16/11/10



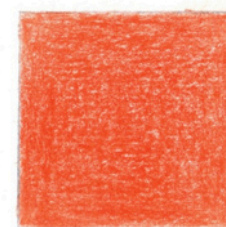
17/11/10



18/11/10



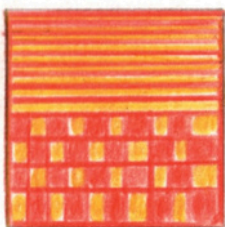
19/11/10



20/11/10



21/11/10



22/11/10



23/11/10



24/11/10



25/11/10



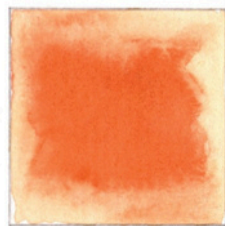
26/11/10



27/11/10



28/11/10



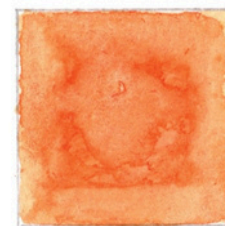
29/11/10



30/11/10



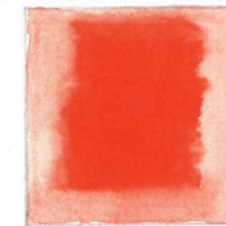
1^o/12/10



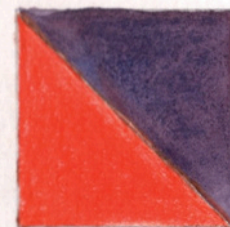
2/12/10



3/12/10



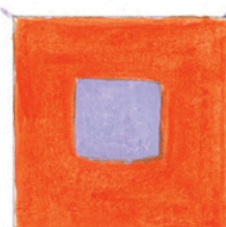
4/12/10



5/12/10



6/12/10



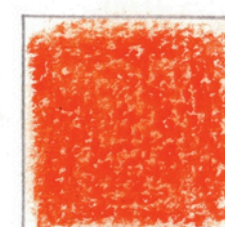
7/12/10



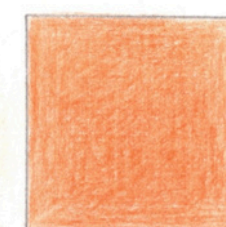
8/12/10



9/12/10



10/12/10



11/12/10

Diário de laranja, 2010-2011
Livro de artista
27 x 34 cm
Coleção Artistas Contemporâneos FVCB

palavras-chave:
cor
escrita
cuidado

escrita como cuidado

Em *Diário de laranja*, Marlies Ritter realiza um precioso estudo sensorial da **cor** laranja, que é apresentada de diversas formas e modos, por vezes se transformando em outras cores. Desenhando e pintando um quadrinho por dia, o trabalho é acompanhado de um diário em que a artista explica qual a inspiração para a produção de cada dia. Presume-se que a cor laranja possua um papel importante no pensamento plástico da artista, tendo em vista a minúcia e a sensibilidade expostas no trabalho, que pode ser lido tal qual um livro. Marlies conta a história de uma cor por meio de imagens e da **escrita**, que, segundo a própria artista, revelam o **cuidado** e a cura de si. As tentativas em entender o efeito das cores sobre a nossa subjetividade vêm de longe. Lembremo-nos de Isaac Newton (1643-1727), que propôs a ideia de que, a partir da luz do sol, poderíamos decompor todas as cores, tese rechaçada por Johann Wolfgang von Goethe¹ (1749-1832), que entendia as cores como o resultado da interação da luz e da escuridão. Apesar de as investigações científicas terem avançado bastante durante o século XX, no entendimento da constituição da luz e das cores, principalmente no âmbito da física quântica, interessa-nos aqui, em diálogo com o *Diário de laranja*, a abordagem empírica sobre as cores, apresentada por Goethe, que suspeitava de que cada cor, ao seu modo, exerceria um efeito sensorial-moral sobre os seres humanos, ideia que ele tentou demonstrar em sua famosa Teoria das Cores.

¹ GOETHE, J.W. *Doutrina das cores*. São Paulo: Nova Alexandria, 2018.

Proposta de atividade

Peça aos estudantes produzirem, tal qual a artista, um diário sobre sua cor preferida. O diário deverá ser preenchido durante o tempo acordado com a turma; no prazo previsto, será realizada uma exposição com os diários de todas as cores escolhidas.

obra relacionada



Escritos guardados, 2024
Livro de artista, 21 x 15 cm
Coleção da Artista



Filme indicado para o professor:
Santiago, de João Moreira Salles, 2007.

Filme indicado para o estudante:
O pequeno príncipe, de Stanley Donen, 1974.

Livro indicado para o professor:
CORTÁZAR, Julio. *Salvo el crepúsculo*. Buenos Aires: Alfaguara, Biblioteca Cortázar, 1984.

Livro indicado para o estudante:
OZ, Amós. *De amor e trevas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

PARA PENSAR

Como um antídoto ao excesso de exposição à internet e às redes sociais, adultos estão procurando cada vez mais inserir em seu cotidiano atividades manuais, como a cerâmica, a costura e a jardinagem, bem como a pintura de prosaicos livros para colorir, publicações que, no ano de 2025, aparecem no topo da lista de livros mais vendidos. Nesse sentido, podemos afirmar que “pensar com as mãos” se tornou uma alternativa às limitações cognitivas cada vez mais evidentes no meio digital?

MARLIES
RITTER com as mãos





Constança, estas laranjinhas a mãe cortou para ti, 1984
240 laranjinhas de terracota e
tigela de cerâmica esmaltada em branco
35,4 ø x 11 cm
Coleção Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS)

palavras-chave:
amor
natureza
efêmero

geleia do sempre

Em *Constança, estas laranjinhas a mãe cortou para ti*, aparece uma relação cara à poética de Marlies Ritter, constante em seus trabalhos em cerâmica. Trata-se da intimidade, existente em seu pensamento plástico, entre o **amor** e a perenidade. Partindo dos frutos ofertados pela **natureza**, a artista estabelece um ato de resistência ao **efêmero** que se impõe por meio dos ciclos da natureza. Uma finíssima habilidade em dar forma à argila, um olhar sensível sobre os detalhes mais íntimos da brotação, da floração, da frutificação e da maturação de plantas, somadas a uma visão sofisticada a respeito da inexorabilidade da passagem do tempo, formam, nesse trabalho, a tríade poética de Marlies. Também em *Roda de Fogo*, como lemos no texto curatorial de Fernanda Albuquerque, ela repete o processo, dessa vez com vagens que explodem em seu jardim, que "partem de memórias pessoais, histórias familiares e da observação atenta e curiosa da natureza, transformando o cotidiano em matéria perene." Uma materialização da memória acompanhada de testemunhos dos processos da natureza acaba por magnificar o mais prosaico cotidiano.

Proposta de atividade

Proponha uma saída de campo (no pátio da escola, em uma praça ou parque próximo) na qual os alunos possam escolher folhas, frutos ou sementes. Depois de identificar os exemplares escolhidos, os estudantes deverão realizar um trabalho plástico (colagem, desenho, pintura ou objeto). Com os trabalhos prontos, organize uma exposição para outras turmas da escola. Por fim, utilizando e seguindo as instruções do "papel-semente" oferecido neste material, proponha que eles plantem, cuidem e colham.

obra relacionada



Roda de Fogo, 2019
307 vagens de cerâmica e peneira de palha
50 ø x 6 cm
Coleção Artistas Contemporâneos FVCB



Filme indicado para o professor:
Margaret Mee e a Flor da lua, de Malu De Martino, 2012.

Filme indicado para o estudante:
A felicidade das pequenas coisas, de Pawo Chayning Dorji, 2019.

Livro indicado para o professor:
PIORSKY, Gandhi. *Brinquedos do chão: a natureza, o imaginário e o brincar*. São Paulo: Editora Peirópolis, 2016.

Livro indicado para o estudante:
LALAU. *Árvores do Brasil: cada poema no seu galho*. Editora Peirópolis, 2016.

PARA PENSAR

Os antropólogos Philippe Descola (1949) e Eduardo Viveiros de Castro (1954) afirmam que a distinção entre natureza e cultura não é universal. Diversos povos indígenas não concebem o mundo por meio de tal dicotomia. O ser humano, assim como animais e plantas, estariam incluídos em um todo relacional. A separação entre natureza e cultura, possivelmente criada artificialmente, influenciou, decisivamente, no fazer artístico em que o artista é sujeito e a natureza, um objeto representacional. Podemos afirmar, tendo em vista a íntima relação entre a poética de Marlies Ritter e o ambiente circundante da própria artista, que os seus trabalhos corroboram a quebra dessa dicotomia?

MARLIES RITTER pensar com as mãos





Sem título, s/d
Quilt
126 x 108 cm
Coleção da Artista

palavras-chave:
costura
composição
delicadeza

nadinhas que permanecem

A artista gosta de reparos, de consertar, de unir, de apaziguar. É na **costura** depositária do seu tempo que as ideias surgem. Os desenhos infantis, uma riqueza muito grande de material, servem para a **composição**. Os passarinhos são combinados com as estrelas, todas desenhadas na infância, por Luísa Kiefer, filha de Gisela Waetge, mestre e parceira nas tardes de *patchwork*, bordado e costura. "Escolhi um modelito de estrela, sempre a mesma", diz Marlies. Os passarinhos com o bico aberto e os azuis, combinados entre triângulos e quadrados, completam o trabalho. Os paninhos ou "nadinhas" (retalhos, sobras, linhas coloridas) acumulam afetos, passagens do tempo e memórias. Marlies estuda diversos processos técnicos de arte têxtil pelo mundo: a história dos *Quilts* americanos, o rigor técnico matemático das composições geométricas das mulheres Amish, as tapeçarias das mulheres berberes e os bordados dos cinco continentes através da história são as suas referências. A criação é como uma **delicadeza** própria da artista; a sua atividade não se funda em sua vontade subjetiva, nos desejos e nas representações de sua consciência, mas na obra em si. A artista é a mão de obra da verdade e da beleza que permanece.

Proposta de atividade

Cada aluno terá que bordar uma palavra, um desenho ou frase em um pano de 10 x 10 cm, como o que você está recebendo com este material. A turma deverá escolher uma composição para costurar uma colcha unindo todos os panos. Ao final do trabalho, a turma pode realizar uma rifa para sortear a colcha e decidir o destino do valor arrecadado, para benefício coletivo.

obra relacionada



Sem título, s/d
Quilt
71 x 71 cm
Coleção da Artista



Filme indicado para o professor:

Colcha de retalhos, de Jocelyn Moorhose, 1995.

Filme indicado para o estudante:

O que pode uma mulher que borda? Porto Iracema das artes, 2022.

Livro indicado para o professor:

OZ, Amós. *Uma certa paz*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Livro indicado para o estudante (Anos Finais):

ISOL. *A costura*. São Paulo: Editora Pequena Zahar, 2023.

Livro indicado para o estudante (Educação Infantil e Anos Iniciais):

GOMES, Lenice. *A menina que bordava bilhetes*. Editora Cortez, 2011.

PARA PENSAR

Marlies Ritter teve uma ideia: comprar todos os bichos de pano velhos no brique, os que ficam largados, abandonados. Levaria cada um para a lavanderia e, depois, ela os remendaria e cuidaria deles. Toda a obra de costura de Marlies nos leva a pensar em reparos. O desejo de cuidado transcende as pequenas coisas; trata-se de remendar o mundo.

MARLIES
RITTER pensar com as mãos



Blumenstrauß, 2013
Colagem
41 x 51 cm
Coleção da Artista

palavras-chave:
cartas
fragmentos
relações amorosas
colagens

das histórias que nos habitam

Em *Blumenstrauß* (buquê de flores, em alemão), Marlies Ritter compartilha uma herança de família: **cartas** do período da 1ª Guerra Mundial, deixadas por Ted, primo de seu pai. São trocas entre Klara (mãe de Ted) e o oficial búlgaro Peter, na época casado com a irmã de Klara. Diálogos inicialmente amigáveis se intensificam com a morte da esposa de Peter, Klara e o cunhado se envolvem, mas ele acaba morrendo em batalha. Klara se casa com outro homem – futuro pai de Ted – e guarda as cartas. São elas que Marlies irá ler, ordenar, recortar, rearranjar e transformar em um buquê de possibilidades. As formas ora parecem cubos abertos, ora losangos, folhas, flores, ramos, são gesto e geometria – plana e espacial –, guardando semelhanças com os *quilts* da artista, por compartilharem dos mesmos moldes. A caligrafia é cuidadosa, e algumas palavras seguem íntegras, como *später* (mais tarde) e *immer* (sempre); e entre *Peter* e *Klara*, o amor e a guerra. São **fragmentos**, pétalas delicadamente recortadas e escolhidas, que poderiam dar origem a outros poemas, para além do que já são. As **relações amorosas** que permeiam a série de **colagens** estão presentes também nas *Cartas do Jorge*, marido de Marlies. Igualmente, já não podem ser lidas, pois a artista cola folha por folha, preservando suas lembranças na esfera do privado. A ideia da carta se mantém, mas transformada em um quase objeto, um bloco de papéis e delicadezas, finalizadas por um cordão e um galhinho de folhas secas. Entre as sobras de escrita, novamente permanece firme, atravessando décadas, a palavra que é sobre todas as outras: *Liebe* (amor).

Proposta de atividade

Talvez seus avós, pais ou tios tenham trocado correspondências, colecionado selos ou papéis de carta em algum momento. Converse com eles, peça que contem suas histórias. Escute sem pressa e, depois, conte as suas se desejar. Guarda-roupas, porões e sótãos também podem ter histórias para contar, basta garimpar. Escreva uma carta ou reúna textos impressos, trabalhos e páginas de cadernos antigos, recorte e monte suas próprias colagens, com figuras geométricas ou rasgos, palavras inteiras ou fragmentadas. Você pode tornar sua história pública ou escrever em código, inventar uma língua ou mesmo inventar a própria história.

obra relacionada



Cartas do Jorge, 1963
Escritos em papel machê
30 x 23 cm

Coleção Artistas Contemporâneos FVCB



Filme indicado para o professor:
Lotte em Weimar, de Egon Günther, 1975.

Livro indicado para professores e estudantes: RILKE, Rainer Maria. *Cartas a um jovem poeta*. Porto Alegre: L&PM, 2006.

Livros indicado para o estudante: MACHADO, Ana Maria. *De carta em carta*. São Paulo: Ed. Salamandra, 2002.

FUNARI, Eva. *Felpe Filva*. São Paulo: Ed. Moderna, 2006.

Música:
Au Jardin D'amour, de Pierre Bensusan, disponível no YouTube.

PARA PENSAR E PESQUISAR

O Instituto Moreira Salles mantém um site sobre epistolografia para difusão de seu acervo de correspondências e produção de conteúdo sobre o tema. Uma das postagens no blog da instituição aborda um trabalho de 2004 da artista francesa Sophie Calle, que contrasta com as características das relações afetivas presentes nas cartas que vimos até aqui. Seu namorado à época, o escritor Grégoire Bouillier, rompeu com ela por *e-mail*. A artista, então, convidou 107 mulheres de diferentes profissões para analisar e comentar a carta recebida, favorecendo múltiplas interpretações.

Disponível em: <https://correo.ims.com.br/nao-era-amor-por-elizama-almeida/>.

MARLIES
RITTER pensar
com as mãos





Memorial, 1908-63
(para Franz Gahrman, meu pai), 2002
44 latinhas de sardinha de terracota com engobe
12 x 6 x 2 cm
Coleção Artistas Contemporâneos FVCB

Forma de lata de sardinha, s/d
6,5 x 17 x 11 cm
Coleção da Artista

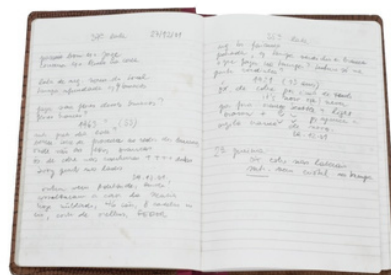


Sem título, 2023-2025
100 batatas de cerâmica e peneira de palha
12 x 65 cm
Coleção da Artista

Pedra ágata, s/d
19 x 0,5 cm / 20,5 x 2 cm
Coleção da Artista



Pontas de lápis e cubo de acrílico, s/d
16 x 15 x 15 cm
Coleção da Artista



Caderno diário das latas, 2001-2002
Escritos com caderno doado por
Heloisa Schneiders
24 x 31,5 cm
Coleção da Artista



Sem título, s/d
Quilt
35,5 x 27,5 cm
Coleção da Artista

dos processos

Tudo é muito simples e meu trabalho nasce de uma necessidade muito forte de dar permanência ao que é finito (Marlies Ritter).

Quando falamos na “poética” de qualquer artista, estamos nos referindo ao conjunto de elementos, escolhas estéticas e técnicas que caracterizam a sua produção e a forma como ele se expressa por meio dos seus trabalhos. A poética está relacionada à maneira como o artista vê o mundo e o traduz em obras de arte. O grau de consciência desse processo é decisivo para o resultado final. Marlies Ritter possui uma transparência incomum sobre os passos da criação e execução dos seus trabalhos, clareza que ela alcança com a escrita, principalmente de diários.

Podemos dizer que a poética de Marlies Ritter é fundamentada por processos entrecruzados pelo autoconhecimento, por um ímpar sentimento metafísico de mundo e por um fino domínio técnico sobre os materiais. Sobre a cerâmica, ela escreve acerca de sua experiência compartilhada com outro artista: “Os limites do material me servem de orientação. Gosto de modelar, acrescentando e colocando a argila aos bocadinhos – Vasco Prado me ensinou –, vendo a forma aparecer. Tem trabalhos que são feitos com um gesto só, como as cascas, as lentilhas, o grão de trigo. Só o gesto, nenhuma ferramenta. Gosto também de misturar as técnicas usando partes modeladas acopladas a partes saídas de formas. Fico pensando em tudo que o Vasco me ensinou. Até uma ferramenta para modelar com a madeira de um galho de bergamoteira eu fiz. O Vasco aprendeu a fazer.” E complementa: “Só queimo uma vez o que faço. Não quero apagar o material, quero que se faça presente, sempre, que transpareça. Queimo por volta dos 1000 graus. Consigo minhas cores da própria diversidade das cores da argila. Custei a colocar luz nas lentilhas.”¹

Há também um fluir criativo em uma escrita singular, é quando a artista explica como se faz e qual é a sua relação com os materiais, momento em que a sua visão de mundo aparece amalgamada com o tempo. Marlies consegue explicar o metafísico por meio da sua relação íntima com a matéria: “Guardava minha argila num tonel grande de Brasilit com tampa num matinho que tínhamos no jardim. Por mais de quarenta anos, a argila ficou assim. Eu me servindo da quantidade que precisava, esta quantidade era colocada numa lona redonda com ilhoses pendurada numa árvore. Deixava escorrer o soro e aí eu limpava passando tudo por uma peneira. A sujeira eu guardava para uma eventualidade de querer textura. A chuva penetra através da tampa, deixando um espelho d’água em cima da argila. Não existe argila mais plástica do que essa, pois é feita de todos os restos de todas as argilas que uso. As argilas vão se misturando e envelhecendo juntas, sempre mais moldáveis. Quando o barro ficava em ponto couro, como se diz, vinha a pedra ágata para dar o lustro. Toda a minha vida eu usei a pedra ágata. Dar este lustro na peça sempre me deu muito prazer. Demorado, tipo meditação. Tenho duas ferramentas com pedra ágata. As argilas eram embrulhadas em panos úmidos e, depois, bem fechadas num saco plástico. Assim se mantinham bem por muito tempo.”

O ato de escrever desempenha a função de descobrir como lidar com as coisas em si: “Então, rodeada de anotações e cadernos, eu comecei a pensar: Com lápis Faber Castell 6 B, Borracha Mercur Oval e papel Tilibra-Organizer. Imagino conseguir, desse jeito, um espaço para a reflexão: quero aprender a lidar com as coisas sós e soberanas. Não sei fazer isso.”

Em seus textos a respeito da costura e do bordado, a artista retoma a questão de como sentimos o tempo e de como tentamos assentá-lo por meio de algum fazer com as mãos. Marlies inclui em sua reflexão a comparação daquilo que podemos obter como resultado final do ato de costurar e do ato de modelar a argila: “Costuras e emendas, tudo feitinho à mão, depositárias do tempo de uma pessoa. A costura não seca nem racha.”

A certa altura de seu livro *Sem título*, de onde retiramos as citações presentes neste texto, Marlies Ritter decreta: “Vou seguir pensando com as mãos, isso está decidido.”

¹ Todas as citações da artista neste texto foram extraídas do livro: RITTER, Marlies. *Sem título*, 2009. Livro de artista. Coleção Artistas Contemporâneos FVCB